

“PUTOS” E “FANCHONOS” NA *BELLE*  
*ÉPOQUE* CARIOCA: REPRESENTAÇÕES DA  
HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM TRÊS  
CONTOS PORNOGRÁFICOS (1914-1915)

“PUTOS” AND “FANCHONOS” IN THE *BELLE*  
*ÉPOQUE* CARIOCA: REPRESENTATIONS OF MALE  
HOMOSEXUALITY IN THREE PORNOGRAPHIC NOVEL  
TALES (1914-1915)

ERIKA CARDOSO<sup>1</sup>

---

1 Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC/UFF), editora e colunista no site [História da Ditadura](#).

**Resumo:** Este artigo propõe uma breve reflexão sobre as representações da homossexualidade masculina presentes nos contos *O Menino do Gouveia* (1914), *Na Zona...* (1914) e *O Cachorro* (1915), publicados pelo jornal carioca *O Rio Nu* como parte da *Coleção Contos Rápidos* (1914-1916). A ideia é analisar como os personagens masculinos que se relacionavam sexualmente com outros homens figuravam nessas narrativas, que estereótipos eles encarnavam e de que forma essas narrativas se relacionavam com o cotidiano da cidade.

**Palavras-chave:** pornografia; homossexualidade; Contos Rápidos.

**Abstract:** This paper proposes a brief reflection about the representations of male homosexuality present in the short tales *O Menino do Gouveia* (1914), *Na Zona...* (1914) and *O Cachorro* (1915), published by *O Rio Nu* newspaper as part of the *Coleção Contos Rápidos* (1914-1916). The idea is to analyze how male characters who had sexual relations with other men figured in these texts, what stereotypes they embodied and how these narratives related to the city's daily life.

**Keywords:** pornography; homosexuality; Contos Rápidos.

## PRELIMINARES

Lançado em 1898, o jornal carioca *O Rio Nu* permaneceu em circulação até 1916, consagrando-se como o mais longo e ilustre representante de um gênero periódico que, no Brasil, durante as primeiras décadas do século XX, ficaria conhecido como “jornais alegres”. Esses jornais – e *O Rio Nu*, em particular – se caracterizavam pelo tom satírico e de fortes conotações sexuais com que abordavam os mais diversos temas, em especial as novas possibilidades de diversão que surgiam em meio a onda de transformações sociais que assolava, principalmente, o Rio de Janeiro no alvorecer do século XX (PEREIRA, 1997, p. 10)<sup>2</sup>.

Além de gravuras e fotografias de mulheres nuas, *O Rio Nu* veiculava anedotas, e charges, publicava folhetins, promovia concursos e noticiava os acontecimentos da vida noturna carioca, desde as zonas de prostituição até os bastidores do teatro. Ademais, desde 1904, pelo menos, a folha mantinha a *Biblioteca d’O Rio Nu*, na qual eram oferecidos livros e álbuns de fotografia – as famigeradas *leituras para homens*<sup>3</sup> –

---

2 Embora fosse editado no Rio de Janeiro, o jornal poderia ser adquirido pelos leitores de outros estados via remessa postal. Nas ruas da capital, era encontrado em engraxates, barbearias e outros espaços de predominância masculina, além de ser anunciado por vendedores ambulantes em praças e pontos de bonde (PEREIRA, 1997, p. 56).

3 Assim costumavam ser anunciados nos jornais brasileiros, entre fins do século XIX e o começo do XX, os livros percebidos como pornográficos graças ao teor sexual de suas narrativas. É importante destacar, contudo, que durante esse período os usos e sentidos da pornografia eram bastante amplos, de modo que a categoria “leituras para homens” incluía desde narrativas explicitamente sexuais até aquelas que faziam menção às práti-

muitos dos quais editados pelo próprio jornal. Como aponta Cristiana Schettini Pereira,

Era comum que folhetins publicados em capítulo no rodapé do Rio Nu posteriormente reaparecessem em volumes separados, na maior parte das vezes livros de encadernação simples, pequenos e vendidos por preços baixos. As oficinas gráficas do jornal viabilizaram um mercado de livros anunciados como leitura “maliciosa... e picante”, “leituras reservadas”, “leitura só para homens” que se desenvolveu simultaneamente ao próprio periódico (PEREIRA, 1997, p. 185).

De acordo com a autora, além de representar mais uma fonte de renda para o jornal, a edição e oferta de livros permitia aos editores maiores liberdades de linguagem. É importante ressaltar, nesse sentido, que graças às frequentes alusões jocosas às práticas e aos órgãos sexuais, os jornais alegres – e *O Rio Nu*, em particular – foram percebidos como pornográficos por amplos setores da sociedade e imprensa da época. Essas referências, no entanto, eram geralmente elaboradas de maneira ambígua nas páginas do jornal, o que viabilizava sua circulação dentro dos limites do moralmente tolerável<sup>4</sup>. Como os livros circulavam de maneira menos ostensiva, neles era possível descre-

---

cas e sentimentos interditados pelos discursos morais mais amplamente difundidos. Cf. EL FAR, 2004 e MENDES, 2017.

4 O próprio *O Rio Nu* teve problemas com a lei em 1910, quando o então diretor-geral dos Correios, Joaquim Tosta, impediu sua circulação e de outro jornal alegre, o *Sans-Dessous*, pelas dependências da empresa. O argumento de Tosta era o de que esses jornais eram pornográficos. Essa contenda animou um intenso debate na imprensa da época sobre os limites do moralmente tolerável. Cf. CARDOSO, 2019 e PEREIRA, 1997.

ver detalhadamente o que era apenas insinuado nas folhas periódicas (PEREIRA, 1997, p. 186).

Um bom exemplo disso é a *Coleção Contos Rápidos*, que começou a ser anunciada pelo *O Rio Nu* em janeiro de 1914, permanecendo em catálogo até a extinção da folha, em dezembro de 1916. A natureza explícita das narrativas, que descreviam detalhadamente, com gírias e palavrões, as práticas e os órgãos sexuais, era sinalizada desde o anúncio, que informava aos leitores que todos os títulos eram escritos “em linguagem ultra livre”, narravam “as mais pitorescas cenas de amor para todos os paladares” e vinham acompanhados de uma “gravura tirada ao natural” (*O RIO NU*, 30/12/1916, p. 10).

Anúncios dessa natureza estampavam os jornais diários no Brasil desde 1880, pelo menos, quando começou a se popularizar no país um nicho literário dedicado à temática sexual (MENDES, 2017, p. 175). Alguns elementos, no entanto, fazem dessa coleção uma fonte preciosa para pensarmos o que se entendia como pornografia no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. Dos vinte títulos publicados entre 1914 e 1916, pelo menos seis sobreviveram ao tempo e podem ser consultados na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Como não resta muito mais do que os anúncios da grande maioria das *leituras para homens* publicadas no período, esse dado já constitui uma grande vantagem.

Além disso, os contos que compõem a coleção são ambientados no Rio de Janeiro dos anos 1910, o que nos permite refletir sobre a relação entre essas narrativas e o ambiente em que foram produzidas e circularam. Robert Darnton propõe que as narrativas de natureza sexual apresentam uma excelente oportunidade de reflexão, uma vez que, para além da relação óbvia com questões de gênero e sexualidade, elas podem revelar aspectos muito interessantes quanto às relações sociais de uma maneira geral (DARNTON, 1996, p. 30).

Cristiana Schettini Pereira (1997, p. 187), refletindo sobre as possibilidades analíticas dos *Contos Rápidos*, defende que, para além de sua finalidade masturbatória, “a pornografia pode ser remetida ao contexto social em que foi produzida”, evidenciando “certas visões das relações sociais e de gênero” e possibilitando “leituras que ultrapassam as intenções dos redatores”. Estas narrativas, portanto, se revelam ricas em temas, personagens, palavras, lugares, práticas e desejos que, muito embora não possam ser tomados como espelho da realidade, podem ser indícios interessantes daquilo que Darnton (1996, p. 36) chamou de “paixões do passado”.

Nas páginas seguintes, meu objetivo será o de refletir sobre algumas dessas questões. Interessa-me, mais especificamente, discutir determinadas representações da homossexualidade masculina presentes em três dos contos remanescentes: *O Menino do Gou-*

veia (1914), *Na Zona...* (1914) e *O Cachorro* (1915). Veremos que as relações sexuais entre homens são abordadas a partir de diferentes perspectivas nessas histórias, o que nos permite refletir sobre estereótipos associados a estas relações durante a *belle époque*<sup>5</sup> carioca e suas representações em determinado imaginário sexual da época.

## “AS MAIS PITORESCAS CENAS DE AMOR PARA TODOS OS PALADARES”

Como já foi dito, a *Coleção Contos Rápidos* começou a ser anunciada pelo *O Rio Nu* em janeiro de 1914, permanecendo em catálogo até a extinção do jornal, em dezembro de 1916. Já em sua estreia foram disponibilizados cinco títulos<sup>6</sup>, que poderiam ser adquiridos por 300 réis no Rio de Janeiro, ou enviados para outras localidades por 500 réis. Até o último reclame, a coleção contaria com o total de vinte números<sup>7</sup>, den-

---

5 Nesse trabalho, utilizo o termo *belle époque* para me referir às duas primeiras décadas republicanas no Brasil que, no âmbito das sexualidades e suas representações, assim como em muitos outros aspectos, foram marcadas pelas tensões entre os projetos de modernização europeizantes das elites e os limites impostos pelas especificidades socioculturais brasileiras.

6 *O Tio Empata, A Mulher de Fogo, D. Engracia, Faz Tudo e A Viúva Alegre.*

7 Foram acrescentados, nesta ordem: *O Menino do Gouveia, A Pulga, O Correio do Amor, Dolores, Família Moderna, Na Zona..., O Brinquedo, O Cachorro, Roçando..., O Consolador, A Telefonista, A Costureira, O Marchante, Por Traz... e O Vassoura.*

tre os quais, pelo que pude apurar, sobreviveram seis originais<sup>8</sup>.

Os *Contos* eram livros de bolso: tinham 15 ou 16 páginas, eram impressos em papel simples, monocromático, no formato ¼ de ofício e, tal como prometido no reclame, traziam uma reprodução fotográfica ou gravura na página central. Fernando Curopos, Mário Lugarinho e Helder Maia (2018), analisando um dos maiores clássicos da literatura pornográfica em língua portuguesa – o livro *Os Serões do Convento*<sup>9</sup> –, observam que o pequeno formato em que os livros obscenos se apresentavam, sobretudo entre os séculos XIX e XX, corresponde a um “projeto literário e editorial pensado em seu conteúdo e em sua impressão como literatura à mão do leitor” (CUROPOS, LUGARINHO E MAIA, 2018, p. 26). Os autores propõem então o conceito de “litera(mão)” para designar os textos dessa natureza, cuja leitura é determinada pelo prazer sexual proporcionado ao leitor (CUROPOS, LUGARINHO E MAIA, 2018, p. 21).

Assim como *Os Serões do Convento*, é possível afirmar que os volumes da *Coleção Contos Rápidos* foram pensados para serem uma leitura fácil, “à mão”, e sexualmente prazerosa, o que se evidencia ainda pela

---

8 São eles *O Menino do Gouveia*, *A Pulga, Na Zona...*, *O Brinquedo*, *O Cachorro* e *O Marchante*. Eles estão disponíveis para consulta na *Fundação Biblioteca Nacional*, na Divisão de Obras Raras. *O Menino do Gouveia* ganhou uma reedição em 2017, pela editora O Sexo da Palavra. A respeito dos demais, a salvo pelos anúncios de *O Rio Nu*, não consegui localizar nenhuma referência.

9 O livro é atribuído a José Castilho e sua primeira edição data de 1862.

forma como eram anunciados e como se apresentavam. Na capa, além do título, constavam informações fictícias sobre autoria, editora e local de edição: os volumes teriam publicados pela *Casa Editora Cupido & Comp.*, localizada na Ilha de Vênus. A autoria era assinada por pseudônimos, entre os quais é possível identificar alguns que figuravam como colunistas do próprio jornal, como o autor de *O Menino do Gouveia*, Capadócio Maluco, que era responsável pela coluna *Capadoçagens* desde 1905, Zé Fidelis, autor de *O Brinquedo...*, que assinava o resultado do jogo do bicho, ou o autor de *O Marchante*, Homem de Ferro, responsável pela coluna *Pelos Teatros*. Já as “gravuras da mais sugestiva realidade”, alardeadas no reclame, traziam imagens explícitas de práticas sexuais.

Nesse sentido, para além da narrativa propriamente dita, vários indícios evidenciam que esses livretos pertenciam à mesma “tradição” de obras como *Os Serões do Convento*, de antemão classificadas como pornográficas, na medida em que eram produzidas, vendidas, lidas e socialmente percebidas como tal (CUROPOS, LUGARINHO e MAIA, 2018, p. 22).

Como observa Pereira (1997, p. 186), os livros da *Coleção Contos Rápidos* levavam ao extremo os estereótipos sexuais explorados pelo próprio *O Rio Nu*: esposas adúlteras, prostitutas, homens conquistadores e homossexuais. Esses personagens, suas práticas e desejos, eram descritos de maneira inequívoca, na “linguagem ultra-livre” prometida no reclame. Além

disso, um dos elementos que tornam os *Contos Rápidos* uma fonte preciosa é o fato de terem sido ambientados no Rio de Janeiro e, nesse sentido, chama a atenção a geografia percorrida ou mencionada pelos personagens dessas histórias. Embora não seja prudente tomarmos suas existências como reais, pode ser interessante pensá-los à luz de determinados discursos sexuais que se faziam presentes na sociedade brasileira dos anos 1910, especialmente a carioca.

Sandra Pesavento, ao analisar os usos da literatura pela historiografia, afirma que a ficção literária nos permite acessar sensibilidades e modos de ver a realidade, o que possibilitaria resgatar “possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam ou desejavam”. Nesse sentido, a obra ficcional, embora não necessariamente expresse a verdade no sentido de uma realidade concreta de seus personagens ou dos acontecimentos narrados, tem a capacidade de revelar questões que se fazem latentes num determinado tempo e lugar. Para Pesavento (2006, p. 22), portanto, o que interessa na literatura enquanto fonte historiográfica não é exatamente o seu “valor de testemunho de verdade”, mas seu “valor de problema”.

## “PUTOS” E “FANCHONOS” NA PORNOGRAFIA CARIOCA DOS ANOS 1910

Como já foi dito, a homossexualidade masculina é abordada em três dos contos remanescentes. Em *O menino do Gouveia*, quinto volume da coleção, esse é o mote central. A história gira em torno da descoberta erótica de um jovem homossexual chamado Bembem, desde o despertar de sua libido até a primeira relação sexual. É o próprio Bembem quem narra sua trajetória a um de seus amantes, Capadócio Maluco, que assina o conto. O jovem confessa que desde muito cedo, por volta dos treze ou quatorze anos, começou a se interessar por homens, nutrindo um desejo especial pelo marido da tia, a quem se declara em determinado momento da trama. O tio, no entanto, “não era homem para compreender esses mistérios do amor: não sabia o mundo de gozos que há numa bunda masculina quando ainda tem a prega mestra”, e reage violentamente à investida de Bembem (MALUCO, 1914, p. 8).

Diante da rejeição, o jovem foge de casa e, nas ruas do Rio de Janeiro, perambula pelos mictórios e banheiros públicos “a espiar picas”, fazendo “mil gestos” que evidenciavam suas “qualidades e encantos enrabativos”, na expectativa de encontrar “um fanchono” no qual suas “formas roliças e afeminadas despertassem o apetite e provocassem uma cantata” (MALU-

CO, 1914, p. 9). Ao fim do dia, fracassado e exausto, Bembem senta-se em um banco do Largo do Rocio, no centro da cidade, “pensando na falta de enrabadores” que acometia a cidade. É então que surge Gouveia, um senhor maduro com quem Bembem tem sua primeira experiência sexual, descrita em pormenores nas páginas do conto (MALUCO, 1914, p. 9).

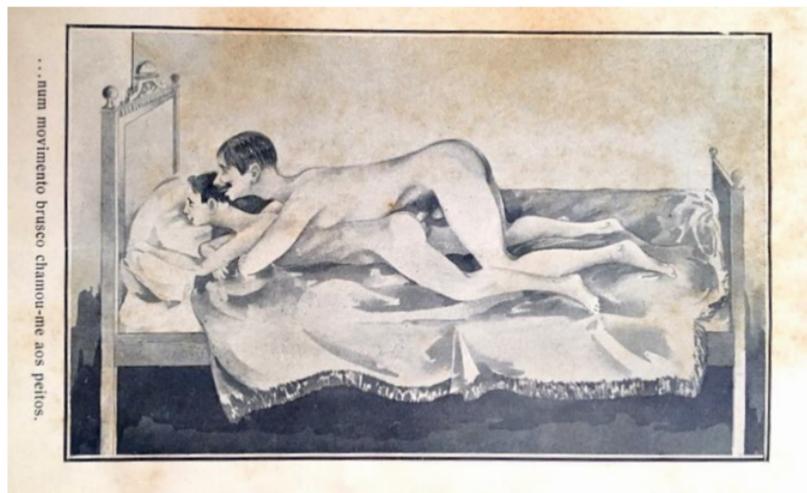


Figura 1: Ilustração que acompanha *O Menino do Gouveia* (1914) - Fundação Biblioteca Nacional

*Na Zona...*, décimo primeiro da coleção, é narrado e assinado por Don Felício, que descreve um dia de intensa peregrinação em busca de sexo pelas ruas do Rio de Janeiro. A trama se concentra especialmente no intercurso do narrador com duas prostitutas que ele encontra em zonas do centro da cidade, mas seu caminho é também atravessado por dois rapazes.

Logo nas primeiras linhas do conto, o narrador relata o episódio que resultou na sua demissão:

Por causa duma merda, uma coisa sem importância que até custa a acreditar, o casca do meu patrão fez-me as contas, deu-me os 38\$500 que eu tinha a haver e pôs-me no olho da rua.

E tudo isso porque? Simplesmente porque me encontrou atrás da máquina grande comendo o bacalhau numa gostosa punheta.

Ainda hoje me pergunto que diabo tinha o patrão com a minha pica, que tanto o tivesse danado ver o rapazinho tocar-me a bronha. (FELÍCIO, 1914, p. 3)

Mais tarde, após o encontro com a primeira prostituta que contratara Don Felício se senta no Passeio Público, onde vê passar outro rapazinho, “de calcinhas justas, paletó mostra-bunda e todo rescendendo a um perfume esquisito”. Essa visão reaviva o desejo do narrador, que conclui que só “um rabo” lhe poderia “abrandar a tesão”. Dessa vez, no entanto, ele julga ser necessário “um cu de mulher”, e não “o rabo de um puto velho e matriculado” como o rapazinho (FELÍCIO, 1914, p. 7).

O décimo terceiro conto da coleção, intitulado *O Cachorro*, é assinado por Zé Teso e também faz menção à homossexualidade masculina, mas nesse caso o autor-narrador apenas relata suas impressões sobre determinadas práticas que atribui aos homossexuais, não participando delas. A narrativa gira em torno do encontro entre Teso e Bianca, uma prostituta italiana

de luxo que havia adestrado o cãozinho de estimação para que este a estimulasse com sexo oral. Nas primeiras páginas no conto o narrador reflete sobre a popularidade desta prática no Rio de Janeiro, concluindo que ela estava disseminada também entre “certos homens”. Isso seria, segundo ele, uma questão de gosto: “levar pelo cu adentro de um lustroso pau de lacre de um inconsciente Terra Nova, ou o caralho mais ou menos grosso de outro homem – com isso ninguém tem que ver” (TESO, 1915, p. 5).

Zé Teso divaga, então, sobre as vantagens de “de se fazer enrabar por um cachorro”, que jamais poderia apontar “o putto” na rua, dizendo que “aquele sujeito toma no cu” (TESO, 1915, p. 5). Por fim, o narrador relata o caso de um “sujeito que toma no cu como gente grande, por gosto, por prazer”, e quando ““fanchonos” indiscretos” o apontam na rua “como putto”, ele não nega o “vício”, justificando-se da seguinte forma: “É verdade que gosto de me espetar num bom caralho. Que tem isso? Até sinto, quando me vejo com o cu atochado por um marzapão avantajado, a deliciosa sensação de que estou cagando para dentro...” (TESO, 1915, p. 6).

Nestes três contos, é recorrente o uso dos termos “putto” e “fanchono”, não apenas para designar homens que se relacionam com outros homens, como também para distingui-los de acordo com a forma com que se apresentam socialmente e com o papel que pretendidamente desempenham no intercursos sexual. Em *O*

*Menino do Gouveia*, por exemplo, Capadócio Maluco ressaltou a “voz suave de putto matriculado” de Bembem, enquanto o tio do jovem, quando confrontado com a revelação de seu desejo, exclamou: “Que putto me saiu o rapaz!” (MALUCO, 1914, p. 8). Já Bembem relata ter vagado pelas ruas do Rio de Janeiro em busca de um “fanchono” (MALUCO, 1914, p. 9) e, diante do desempenho sexual de Gouveia, concluiu que este era “um hábil fanchono e possuía a verdadeira arte de um amador de bons cus”. (MALUCO, 1914, p.10). Em *Na Zona...*, Don Felício (1914, p. 7) também se refere ao jovem de calças justas que atravessa seu caminho no Passeio Público como um “putto velho e matriculado”, enquanto Zé Teso (1915, p. 6), em *O Cachorro*, fala sobre os “fanchonos” indiscretos”, que têm por hábito apontar “como putto” certos homens, dizendo: “aquele sujeito toma no cu”.

Os contos reiteram, assim, certo imaginário social a respeito dos “puttos” e “fanchonos” durante a *belle époque* carioca. De acordo com James Green (2000, p. 69), no Rio de Janeiro do começo do século XX, estas expressões eram utilizadas para indicar a homossexualidade masculina, distinguir o papel que cada um supostamente desempenhava no intercursos sexual e o modo como se apresentavam publicamente. O termo fanchono, segundo esse autor, seria utilizado nesse contexto para designar homens que se relacionavam sexualmente com outros homens, em especial os mais jovens, designados “puttos” ou “fres-

cos” (GREEN, 2000, p. 70). Ao contrário dos “putos”, no entanto, o fanchono apresentava-se publicamente de maneira considerada “viril” e presumivelmente exercia o papel de “ativo” no ato sexual. Além disso, esse autor defende que o termo “fanchono” remetia ao sujeito que performava masculinidade e podia ser lido socialmente como heterossexual, mas “sua opção como objeto sexual é alguém que, embora feminilizado e jovem, não é uma mulher” (GREEN, 2000, p. 71). De acordo com essa perspectiva, portanto, o “fanchono” se distinguiria do sujeito identificado como heterossexual que, eventualmente, por indisponibilidade de mulheres cisgênero, satisfazia-se com outros homens.

James Green (2000, p. 71), ressalta que seu comportamento público “ másculo” dos “fanchonos” garantia certa invisibilidade social. Embora essa fosse uma figura da “subcultura homossexual”, sua condição de sujeito que penetra sem ser penetrado, tanto quanto seu comportamento público viril, seriam elementos capazes de permitir que fosse lido socialmente como heterossexual. Em *O Cachorro* é dado a entender que as garantias advindas desse status permitiam ainda aos “fanchonos” hostilizar os “putos” com maledicências, por exemplo. Relatando o episódio em que um conhecido assumiu a homossexualidade, Zé Teso afirmou que, embora todos soubessem do seu “vício”, o caso se deu quando “os fanchonos indiscretos o apontaram como puto”. O risco da exposição por

um *fanchono* traiçoeiro é um dos motivos que leva o autor a recomendar o sexo com cães de estimação aos “putos” (TESO, 1915, p. 5-6).

Fernando Curopos (2019, p. xii) também identifica a diferenciação de papéis entre “putos” e “fanchonos” em Portugal do século XIX: enquanto termo “puto” designaria o “jovem paciente”, o “fanchono” seria “o adulto agente da relação erótica”. Ao contrário de Green (2000, p. 70), no entanto, esse autor observa que nem todos os “fanchonos” se relacionavam sexualmente com jovens adolescentes. Tomando como referência a “fisiologia do fanchono”, proposta no *Almanak Caralhal* (1860), Curopos (2019, p. xii-xiii) aponta que, na literatura portuguesa do século XIX, os “fanchonos” seriam de três tipos: os “fanchonos por vocação”, que têm horror à mulher e só podem saciar os prazeres “nas macias e acetinadas mãos de um putto”; o “fanchono por necessidade”, que na falta de mulheres disponíveis “afoga as saudades do cono” se relacionando sexualmente com outro homem; e, por fim, o “fanchono porco”, que se entusiasma na companhia de homens adultos e viris.

Se aplicarmos essa classificação aos personagens que se relacionavam sexualmente com outros homens nas páginas dos *Contos Rápidos*, veremos que, em *O Cachorro*, o autor defende que a decisão de se permitir ser penetrado – seja por um cão ou por outro homem – é uma questão de gosto, definindo de uma

maneira geral aqueles que penetram como “fancho- nos” e os que são penetrados como “putos”.

Em *O Menino do Gouveia*, Gouveia encarna o “fan- chono” por vocação, que deliberadamente procura outros homens – preferencialmente, mais jovens, para se relacionar. Bem como reforça a predisposição do parceiro na narrativa, descrevendo minuciosa- mente sua habilidade com as preliminares e durante a penetração, nos levando a crer que Gouveia tinha experiência nesse tipo de prática sexual.

Já Don Felício, de *Na Zona...*, representa o “fancho- no” por necessidade, muito embora jamais seja iden- tificado como “fancho” no conto que protagoniza. Como vimos, a epopeia desse personagem já se inicia com uma punheta sendo executada por um rapazi- nho, aventura que resulta na sua demissão. O episó- dio é lembrado por Felício como uma “merda”, “uma coisa sem importância, que até custa a acreditar”, e o personagem alega não compreender “que diabo tinha o patrão com a minha pica, que tanto o tivesse danado ver o rapazinho tocar-me a bronha. (FELÍCIO, 1914, p. 3).

Vejamos que o personagem não se sentiu enver- gonhado pelo flagra, mas indignado e furioso com a reação do patrão, que além de inconveniente, julga exagerada. Mais tarde no Passeio Público, quando outro rapazinho atravessa seu caminho, ele fica no- vamente excitado, mas embora tenha se sentido mo- tivado pelo caminhar reboativo do jovem, cujo corte

do casaco deixava em evidência a bunda, a satisfação do seu desejo só seria possível naquele momento na companhia de uma mulher:

A minha porra deu um salto e eu acompanhei-o com uma palmada na testa.

- Eureka! A única coisa que me podia abrandar a tesão era um rabo!

Um rabo não de um puto velho e matriculado, mas sim um cu de mulher que me fizesse esquecer a bunda gelatinosa da francesa chupadeira. (FELÍCIO, 1914, p. 7)

É interessante perceber, nesse sentido, que Felício não se furtava a desfrutar da companhia de rapazes, poderia inclusive sentir-se eventualmente inspirado por eles, mas sua preferência incidia sobre mulheres. Ele se difere, portanto, de Gouveia, cujo desejo incide de maneira específica sobre outros homens, e do tio de Bembem, que se revela resistente à ideia, contrariando a premissa de Jean-Marie Goulemot (2000, p. 103) para quem a narrativa pornográfica exige necessariamente a entrega dos personagens a todo prazer possível. Como explica o próprio Bembem:

O estafermo de meu tio, entretanto, não era homem para compreender esses mistérios do amor. Não sabia o mundo de gozos que há numa bunda masculina quando ainda tem a prega mestra.

Pegou-me pela orelha, escancarou a porta, e, pespegando-me um valente pontapé no cu, gritou:

- Safa! Que puto me saiu o rapaz! (MALUCO, 1914, p. 8)

Resta saber, portanto, se no Brasil personagens como Don Felício seriam lidos como “fanchonos” por necessidade ou como homens heterossexuais que, na falta de companhia feminina, recorriam à de outros homens. O que se sabe, por outro lado, é que embora o termo “fanchono” fosse utilizado com todas as letras nos contos publicados em formato de livro pelo *O Rio Nu*, o termo não aparecia nas páginas do jornal<sup>10</sup>. No periódico em si, os homens que se relacionavam sexualmente com outros homens eram frequentemente designados por nomes próprios que, ao que tudo indica, faziam referência a escândalos sexuais ocorridos no Rio de Janeiro durante o período de circulação do jornal. Esse é o caso de Gouveia, por exemplo, que figura no título de um dos contos analisados, nome que James Green (2000, p. 70) aponta como uma gíria sinônima de “fanchono” no Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX.

Valmir Costa (2020) acredita ser possível que uma história verídica, ocorrida em junho de 1906 na Zona Norte do Rio de Janeiro, esteja na origem da associação entre o nome “Gouveia” e as práticas homossexuais atribuídas aos chamados “fanchonos”. Nesta ocasião, um comerciante chamado Manoel Gouveia foi acusado de violentar sexualmente um homem de

---

10 O acervo do jornal encontra-se disponível para consulta online, no site da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, onde é possível realizar buscas por palavras-chave em todos os volumes disponíveis. As buscas pelo termo “fanchono” não apresentaram resultados.

40 anos que se encontrava alcoolizado em sua casa<sup>11</sup>. Desde que se espalhou a notícia do suposto estupro, o jornal *O Rio Nu* passaria a veicular piadas, anedotas e versinhos protagonizados por um mítico Gouveia, figura furtiva, defloradora anal, que atacava homens jovens e meninos<sup>12</sup> (COSTA, 2020, p. 444-445)

Antes do escândalo envolvendo Manoel Gouveia, os “fanchonos” costumavam ser identificados no jornal como “Gregório”<sup>13</sup>. É interessante notar, contudo, que não necessariamente a referência a “Gregórios” ou “Gouveias” indicava o interesse por meninos ou mesmo por outros homens, mas pelo sexo anal, de uma maneira geral, inclusive o praticado com mulheres<sup>14</sup>.

Já o termo “puto”, nesse contexto, apontava para os trejeitos socialmente percebidos como femininos de determinados homens homossexuais, denotando ainda seu papel supostamente “passivo” no inter-

---

11 Em 1907 a investigação policial concluiu que o acusado era inocente e havia sido vítima de uma armação para macular sua honra, mas, a esta altura, a fama e a associação de seu nome a determinadas práticas sexuais já estavam consolidadas (COSTA, 2020, p. 445).

12 Isso ocorre, por exemplo, em um concurso de glosas promovido pelo jornal em 1906. Cf. Mote a concurso: Torneio de julho. *O Rio Nu*, 21/07/1906, p.3.

13 Não pude localizar nenhum registro que aponte a relação desse uso com algum caso verídico, mas o termo consta em um dicionário de termos eróticos como sinônimo de “pederasta ativo” (ALMEIDA, 1981, p. 143). Um exemplo do uso do termo Gregório pelo *O Rio Nu* pode ser observado também em um concurso de versos, promovido pelo jornal em 1900. Cf. *O Rio Nu*, 19/12/1900, p. 6.

14 Isso pode ser observado, por exemplo, numa charge publicada em 1906. Cf. Desconfiada, *O Rio Nu*, 06/07/1906, p. 4.

curso sexual<sup>15</sup>. É interessante notar que, nos contos analisados, são os personagens jovens, “meninos” e “rapazotes”, que encarnam e performam a condição de “putos”. Para James Green (2000, p. 63), o termo “puto” evidenciava ainda um estereótipo comum nesse período, que associava prostituição e homossexualidade masculina, em especial se esta última fosse identificada a partir de um comportamento considerado efeminado. Isso é evidente no caso de Bembem, personagem cuja narrativa indica que efetivamente exercia trabalho sexual: Capadócio Maluco revela que ouviu sua história enquanto ambos estavam no *chateau* do jovem, termo pelo qual eram conhecidos os cômodos em que trabalhadoras e trabalhadores sexuais recebiam seus clientes entre os séculos XIX e XX, no Rio de Janeiro. Capadócio ressalta ainda que a conversa aconteceu enquanto Bembem lhe acariciava o pênis com sua “macia e profissional” (MALUCO, 1914, p. 3).

Nos contos, são ressaltados ainda os atributos “femininos” nos personagens designados “putos”. Em *O menino do Gouveia*, o próprio Bembem faz questão de salientar o que identifica como sua feminilidade. Quando Gouveia suga seus mamilos, por exemplo, o jovem tem uma espécie de epifania, afirmando que “a natureza”, com o objetivo provar que ele havia nascido “para tomar na bunda”, contemplou-o com uma

---

15 Assim como *fresco*, também bastante utilizado na época. (GREEN, 2000, p. 64)

“qualidade feminina”: quando estimulados, seus seios se punham “eretos, empinadinhos” como se ele “fosse mulher” (MALUCO, 1914, p. 11).

Também o rapazote que cruza o caminho de Don Felício no Passeio Público é caracterizado como alguém que se veste, move e perfuma como uma mulher. Sua descrição, inclusive, se assemelha a outras, presentes nas páginas do próprio jornal. Em 1908, por exemplo, uma crônica assinada por D. Jasmim relatava como o narrador entrou para “a legião imensa dos Gouveia”:

ao passar pelo Largo do Rocio, foi minha atenção despertada por um rapazote completamente imberbe, bonito mesmo, trajando de cinzento, e tendo a roupa tão justa ao corpo que deixava ver a farta... carnação que possuía, e bem assim mostrava os contornos dos quadris perfeitamente salientes. Dir-se-ia que trazia um colete de senhora. (*O RIO NU*, 05/09/1908, p. 5)

Quando o jovem se aproxima, o narrador pôde apreciá-lo mais atentamente: “Era realmente uma beleza! E aquela carinha num corpo de mulher devia torna-lo ainda mais encantador!” (*O RIO NU*, 05/09/1908, p. 5).

Ressalta-se ainda que o jovem descrito por D. Jasmim – cujo apelido era “Florzinha” – encontrava-se no Largo do Rocio, mesmo ponto da cidade em que Bembem, após peregrinar o dia todo, finalmente encontra um parceiro. O Largo, nome popular da Praça

Tiradentes, era um dos locais da cidade associados às práticas homossexuais masculinas<sup>16</sup>. Na região encontravam-se os terminais dos bondes que ligavam o centro à zona norte, uma enorme quantidade de teatros, cafés-concerto, cinematógrafos, bares e cabarés, além de bordéis e pensões, onde atendiam as prostitutas (GREEN, 2000, p. 59).

Em meio a esse ambiente de intensa atividade boêmia e sexual, ocorriam também encontros entre homens, o que era facilitado, de acordo com James Green, pela disposição de bancos e arbustos que compunham o Largo (GREEN, 2000, p. 56, 61). É famosa a descrição que o poeta Luiz Edmundo fez dos rapazes que frequentavam o lugar no limiar do século XX: “Depois de oito horas da noite, moços de ares feminis, que falam em falsete, mordem lencinhos de cambraia, e põem olhos acarneirados na figura varonil e guapa do Senhor D. Pedro I, em estátua” (EDMUNDO, 2003, p. 89).

A forma de se vestir dos “putos”, assim como sua presença constante nos parques públicos da cidade, em especial no Largo do Rocio, encontra eco também na literatura médica desde fins do século XIX. O Dr. Ferraz de Macedo, autor de uma tese sobre a homossexualidade masculina no Rio de Janeiro, preconizava em 1872, os atributos que permitiriam, segundo ele,

---

16 Antiga Praça da Constituição, havia sido rebatizada como Praça Tiradentes logo após a proclamação da República. No dia a dia da cidade, contudo, continuou sendo Largo do Rocio.

reconhecer um “sodomita passivo”. De acordo com o médico:

Se virmos um rapaz arremedar no andar uma dama (cantoneira, bem entendido), que tenha estudado ao seu espelho os movimentos semilascivos do corpo e que os ponha em prática quando passeia, com o fim de excitar e atrair as vistas e desejos dos transeuntes, podemos suspeitar que é um rapaz infame que passa. (*apud* SOARES, 1992, p. 73)

Além disso, Ferraz de Macedo aponta que esses rapazes, com idade entre 12 e 20 anos, costumam ser vistos especialmente nos arredores dos teatros, trajando-se finamente, com botas de verniz, camisas de seda, paletós e calças justas, muito perfumados (*apud* SOARES, 1992, p. 73). Descrição semelhante foi feita pelo jurista Francisco José Viveiros de Castro, que observou a frequência dos homens homossexuais no Largo do Rocio, acrescentando que:

Tinham eles uma toilette especial por onde podiam ser facilmente reconhecidos. Usavam paletó muito curto, lenço de seda pendente no bolso, calças muito justas, desenhando bem as formas das coxas e das nádegas. Dirigiam-se aos transeuntes pedindo fogo para acender o cigarro, em voz adocicada, com meneios provocantes e lascivos (VIVEIROS DE CASTRO, 1934. p. 222).

A descrição que Luiz Edmundo, Ferraz de Macedo e Viveiros de Castro fazem desses rapazes em muito

se assemelha às que nos apresentam *O Rio Nu* e os *Contos Rápidos*. Além disso, a indumentária, os locais de frequência, assim como as estratégias de aproximação e abordagem que se reiteram nessas descrições apresentam *um modus operandi*, um código que permitia identificar quem eram esses homens e o que desejavam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa breve reflexão sobre a representação de homens homossexuais nos *Contos Rápidos*, longe de pretender esgotar o assunto ou apresentar conclusões definitivas, minha intenção foi a de demonstrar como os textos obscenos podem ajudar a lançar luz sobre as formas de sociabilidade da comunidade homossexual carioca no limiar do século XX. Nesse sentido, são interessantes e pertinentes as observações de Fernando Curopos (2019) sobre visibilidade que essa comunidade passa ter no espaço público lisboeta – e de outras capitais europeias – a partir da segunda metade do século XIX.

Esse autor, em referência a Didier Éribon, aconselha uma distância crítica em relação à ideia de “invenção do homossexual”, proposta do Michel Foucault em *A História da Sexualidade*. Isso porque Foucault se concentrou de maneira específica nos discursos médicos e oficiais, enquanto os modos de vida e sociabi-

lidade cotidianos desempenharam um papel importante na emergência de uma consciência individual e coletiva de si, por parte da comunidade homossexual do período (CUROPOS, 2019, p. xi). Para Curopos, a visibilidade que essa comunidade passa a ter no espaço público lisboeta no final do século XIX engendra a emergência de uma proliferação de vocábulos para designar os homens homossexuais, entre os quais, os termos “puto” e “fanchono”. Por outro lado,

Vão coexistir, durante um tempo, um saber sobre a homossexualidade [...] e personagens com uma vida sexual fora da norma. São esses mesmos personagens e a subcultura homossexual da Lisboa de oitocentos, tornada visível, que vão informar os autores e caricaturistas da época e dar azo a toda uma produção satírica renovada (CUROPOS, 2019, p. xi)

A visibilidade pública de “putos” e “fanchonos” nas ruas do Rio de Janeiro também foi, como vimos, tema na literatura e na imprensa satírica e obscena produzida no Brasil, sobretudo durante as primeiras décadas do século XX. A partir dessas representações, é possível perceber estereótipos e preconceitos associados a estes dissidentes sexuais, mas podemos também intuir que sua presença nos espaços públicos era marcante o suficiente para que constituíssem uma subcultura identificável, à qual eram vinculados modos de existir e se relacionar. Ainda que não possamos tomar essas representações como reais – e

que seja imprescindível atentar para os tabus e preconceitos que elas reproduzem – os textos obscenos podem apontar indícios de temas e personagens que alimentavam o imaginário sexual da sociedade brasileira na época em que foram produzidos.

Para além disso, os textos dessa natureza, produzidos e ambientados no Brasil, como é o caso dos *Contos Rápidos*, têm ainda o mérito de representar uma parcela ainda pouco estudada da literatura havida como pornográfica, que são as produções em língua portuguesa. De uma maneira geral, a reflexão em torno da pornografia enquanto categoria classificativa e dos materiais, discursos e comportamentos percebidos como pornográficos<sup>17</sup> tende a se concentrar no que foi produzido na França e, em menor escala, na Inglaterra. A importância francesa na emergência de discursos pornográficos e sua influência em outras sociedades ocidentais é inegável, mas os estudos mais amplamente divulgados tendem a privilegiar de maneira quase exclusiva a experiência francesa, o que resulta em certo silenciamento em relação ao que foi produzido e difundido a partir de outros lugares. Este é o caso de Portugal, por exemplo, cuja literatura obscena, embora tenha sido fortemente inspirada pela França, encerra peculiaridades que influenciaram em muitos aspectos o que viria a ser produzido no Brasil,

---

17 É o antropólogo Bernard Arcand quem sugere que a história da pornografia são duas: a história do conceito e a daquilo que ele viria a designar. (ARCAND, 1993, p. 134).

que por sua vez desenvolveu seus próprios temas e formatos.

Nesse sentido, é fundamental que sejam elaboradas análises aprofundadas, que reflitam sobre as experiências locais a partir de uma perspectiva mais ampla e transnacional, dando atenção aos diálogos, mas também às particularidades de cada sociedade. Isso certamente contribuiria não apenas para uma melhor compreensão da pornografia enquanto categoria e discurso, mas da própria sociedade, de uma maneira geral.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horário de. *Dicionário de termos eróticos e afins*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

ARCAND, Bernard. *El jaguar y el oso hormiguero: Antropología de la pornografía*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1993.

CARDOSO, Erika. “E como não ser pornográfico?": usos, sentidos e diálogos transnacionais em torno da pornografia no Brasil (1880-1924). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

COSTA, Valmir. O menino do Gouveia: A história real que inspirou o primeiro conto homoerótico brasileiro de 1914. *Projeto História*, São Paulo, v. 69, pp. 419-457, 2020

CUROPOS, Fernando; LUGARINHO, Mário e MAIA, Helder. Literatura à mão: os serões do convento. *Moderna Språk*, n° 112 (2), p.21-35, 2018.

CUROPOS, Fernando. Introdução. In CUROPOS, F. (Org.). *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira: uma antologia (1860-1910)*. Lisboa: Index, 2019.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In NOVAES, A. (Org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 21-42.

EDMUNDO, Luíz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2003.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FELÍCIO, Don. *Na Zona.... Ilha de Vênus*: Casa Editora Cupido & Comp., 1914.

GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se leem com uma mão só: Leitura e leitores pornográficos no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JUNIOR, Gonçalo. *A Guerra dos Gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar – 1964-1985*. São Paulo: Editoractiva Produções Artísticas, 2010.

MALUCO, Capadócio. *O Menino do Gouveia*. Ilha de Vênus: Casa Editora Cupido & Comp., 1914.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil do século XIX. *Cadernos do IL, Porto Alegre*, n° 53, janeiro de 2017, p. 173-191.

MENEZES, Lená Medeiros de. (Re)inventando a noite: O Alcazar Lyrique e a cocote comédiénne no Rio de Janeiro oitocentista. *Revista Rio de Janeiro*, n° 20-21, 2007.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 11-25.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, Ilhoas, Polacas...: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

TESO, Zé. *O Cachorro*. Ilha de Vênus: Casa Editora Cupido & Comp., 1915.

VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Feitas Bastos, 1934.